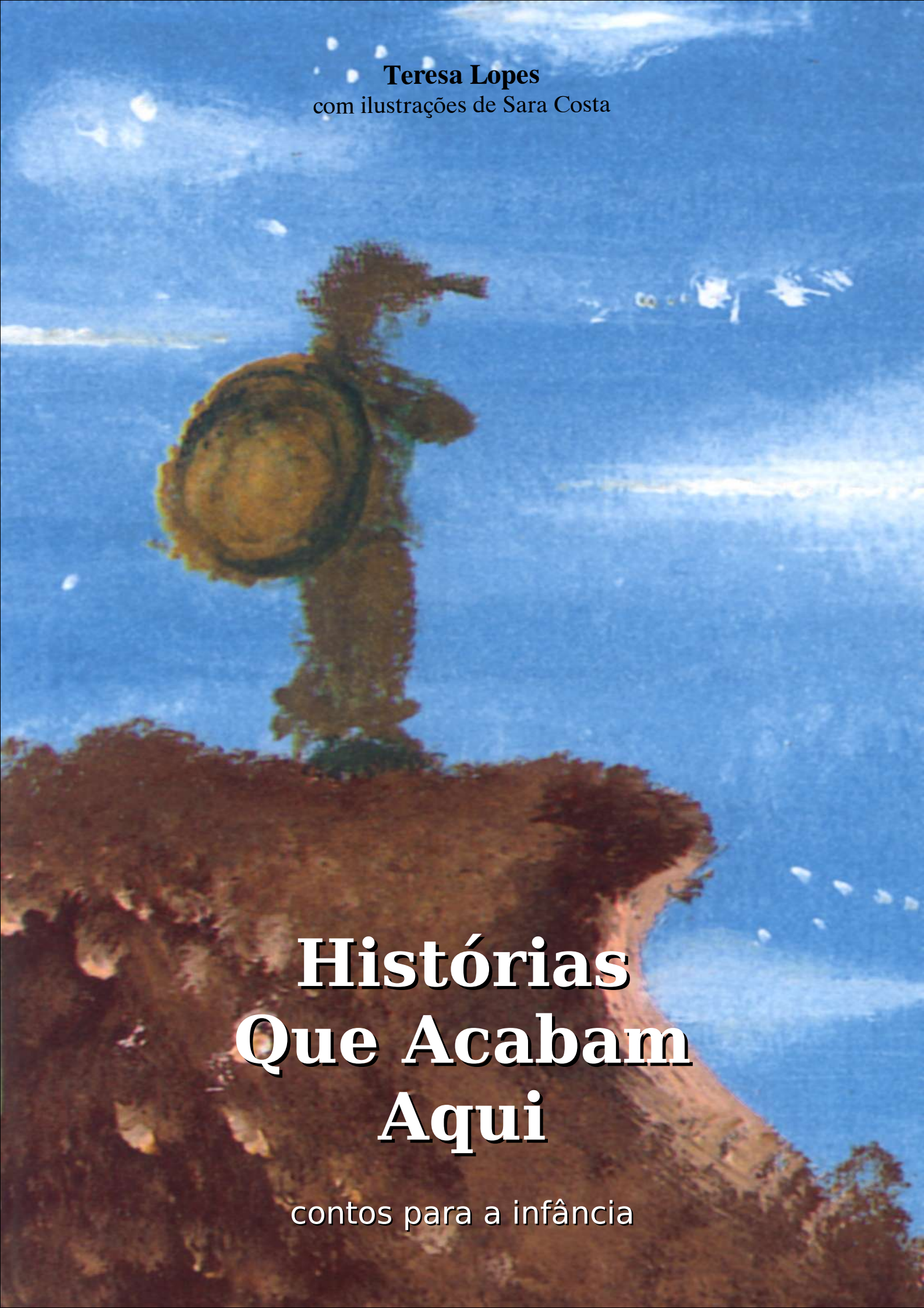


The background of the cover is a painting. It depicts a person standing on a dark, silhouetted hill or cliff. The person is wearing a large, wide-brimmed hat and a long, dark coat. They are looking out over a vast, blue sky filled with soft, white clouds. The overall mood is contemplative and serene.

Teresa Lopes
com ilustrações de Sara Costa

Histórias Que Acabam Aqui

contos para a infância

Título

Histórias Que Acabam Aqui

Texto

Teresa Lopes

Ilustrações

Sara Costa

Editor

Victor Domingos
editor@arcosonline.com

Data de edição

Abril de 2005

Edição



Edições ArcosOnline.com
www.arcosonline.com

Este trabalho encontra-se registado nas entidades competentes, tendo atribuídos números de ISBN e de Depósito Legal, sendo agora a sua publicação e distribuição gratuita, sob a forma de e-book, efectuada com a autorização do autor. É permitida a sua impressão e redistribuição em papel ou suporte digital, desde que isso seja feito sem propósitos comerciais e todo o seu conteúdo permaneça inalterado.

Maria Teresa Lopes



Nasceu em Arcos de Valdevez, em 1957. É professora de Português e Inglês do Ensino Básico. Colabora em acções de divulgação do livro e da leitura. Publicou um livro de poesia, *(En)cantos de Ceifa e Mosto*, um de contos para a infância, *Histórias que acabam aqui*, e tem trabalhos incluídos em outras publicações.

Sara Costa



Nasceu em Braga, em 1979. Frequentou a Escola Superior de Belas Artes, do Porto, e a Universidade de Aveiro, em Design. Ilustrou *Histórias que acabam aqui* e está representada na revista *Quantos leitores, tantas as sentenças, cadernos de poesia 1*.

Histórias Que Acabam Aqui

A Abóbora Menina

*Para a Inês,
que também um dia voará.*

Brotara do solo fecundo de um quintal enorme, de uma semente que mestre Crisolindo comprara na venda. Despontava por entre uns pés de couve e mais algumas abóboras, umas suas irmãs, outras suas parentes mais afastadas.

Tratada com o devido esmero, adubada à maneira, depressa cresceu e se tornou em bela moçoila, roliça e corada.



Os dias corriam serenos. Enquanto o sol brilhava, tudo era calma naquele quintal. Sombra dos pés de couve, rega a horas devidas, nada parecia faltar para que todos fossem felizes.

As suas conversas eram banais: falavam do tempo, de mestre Crisolindo e nunca, mas nunca, do futuro que os aguardava.

Mas Abóbora Menina, em vez de se dar por satisfeita com a vida que lhe havia sido reservada, vivia entristecida e os seus dias e as suas noites eram passados a suspirar.

Desde muito cedo que a sua atenção se virara para as borboletas de cores mil que bailavam sobre o quintal. E sempre que alguma pousava perto de si, a conversa não era outra se não esta:

–Dizei-me, menina borboleta, como fazeis para voar?

–Ora, menina abóbora, que quereis que vos diga? Primeiro fui ovo quase invisível, depois fui crisálida e depois, olhe, depois alguém me pôs estas asas e assim voei.

–Como eu queria ser como vós e poder sair daqui, ver outros quintais.

–Que me conste, vós fostes semente e vosso berço jaz debaixo desta terra negra e quente. Nunca por aí andámos, minhas irmãs e eu.

A borboleta levantava voo e Abóbora Menina suspirava. E suspirava. E de nada serviam os consolos de suas irmãs, nem o consolo dos pés de couve, nem o consolo dos pés de alface que cresciam ali perto e que todas as conversas ouviam.

Certo dia passou por aqueles lados uma borboleta mais viajada e foi pousar mesmo em cima da abóbora. De novo a mesma conversa, os mesmos suspiros.

Tanta pena causou a abóbora à borboleta, que esta acabou por lhe confessar:

–Já que tamanho é vosso desejo de voar e dado que asas nunca

podereis vir a ter, só vos resta uma solução: deixai-vos levar pelo vento sul, que não tarda nada aí estará.

–Mas como? Não vedes que sou roliça? Não vedes que tenho engordado desde que deixei de ser semente?

E a borboleta explicou à Abóbora Menina o que ela devia fazer.

A única solução seria cortar com o forte laço que a ligava àquela terra-mãe e deixar-se levar pelo vento.

Ele não tardaria, pois umas nuvens suas conhecidas assim lhe haviam garantido. Mais adiantou a borboleta que daria uma palavrinha ao tal vento, por sinal seu amigo e aconselhou todos os outros habitantes do quintal a segurarem-se bem quando ele chegasse.

Ninguém gostou da ideia à excepção da nossa menina.

–Vamos perder-te! – lamentavam-se as irmãs.

–Nunca mais te veremos. – sussurravam os pés de alface.

–Acabarás por mirrar se te desprendes do solo que te deu sustento.

Mas a abóbora nada mais queria ouvir. E logo nessa noite, quando todos dormiam, Abóbora Menina tanto se rebolou no chão, tantos esticões deu ao cordão que lhe dera vida, que acabou por se soltar e assim permaneceu, liberta, aguardando o vento sul com todos os sonhos que uma abóbora ainda menina pode ter na sua cabeça.

Não esperou muito, a Abóbora Menina. Dois dias passados, logo pela manhãzinha, o vento chegou. E com tal força, que a todos surpreendeu.

Mestre Crisolindo pegou na enxada e resguardou-se em casa. As flores e as hortaliças, já prevenidas, agarraram-se ainda mais à terra.

Só a abóbora se alegrou e, peito rosado aberto à tempestade, aguardou paciente a sorte que a esperava.

Quando um remoinho de vento pegou nela e a ergueu nos ares, qual balão liberto das mãos de um menino, não sentiu nem medo, nem pena de partir.

–Adeus, minhas irmãs!... Adeus, meus companheiros!...

–Até... um... dia!...

E voou direitinha ao céu sem fim!...

Para onde seguiu? Ninguém sabe.

Onde foi parar? Ninguém imagina.

Mas todos sabem, naquele quintal, que dali partiu, numa bela tarde de vento, a abóbora menina mais feliz que algum dia poderá haver.

O Soldadinho de Saco às Costas

*Para o João Pedro,
que nunca prove o gosto do inimigo.*

Tolentino Esteves da Silva nasceu, por assim dizer, soldado.

Na noite em que veio ao mundo, seu pai logo profetizou: um rapagão assim só pode servir nosso mestre e nossa pátria.

Não podiam ser para ele os rebanhos que a família guardava havia séculos, nem o amanho da terra que a alimentava. Destino maior teria Tolentino e assim estava decidido.

Quando completou dezoito anos, o pai mandou-o inscrever-se no exército, conforme prometera à sua nascença. E poucos meses volvidos chegou a carta que mandava Tolentino apresentar-se no quartel mais próximo.

A mãe juntou-lhe alguma roupa, um pedaço de presunto, meia dúzia de chouriças, um naco de pão e enfiou tudo num saco. Lágrima de mãe no canto do olho, disse-lhe que fosse em paz e pediu-lhe que nunca se esquecesse dela.

O pai, esse estava orgulhoso.



Tinha, finalmente, chegado o dia de mostrar àquela aldeia, que ficava nos confins da serra, que dali também partiam homens guerreiros, como sempre ouvira dizer que tinham sido seus antepassados.

Por isso ninguém lhe viu uma lágrima que fosse, embora elas estivessem todas a correr para dentro do peito e a magoarem-lhe a alma.

Dois dias e duas noites foi quanto Tolentino levou a chegar ao quartel. Apresentou-se, deram-lhe uma farda, uma arma, um número para pôr ao pescoço e disseram-lhe:

–Tens que obedecer aos teus superiores. Fazer tudo que te mandam, ouviste bem?

Sim, senhor, que bem ouvira e que bem entendera. Que tudo faria a gosto de suas senhorias. Pois não era para isso que ali estava?

Depressa passou o tempo da recruta. Tolentino, bem mandado e forte como era, foi considerado um dos melhores. E que orgulhoso que ele estava. Não podia esperar mais pela hora de ir para a guerra, lutar contra o inimigo.

–Onde está ele, meu capitão? Onde fica a guerra, meu sargento? Quero ver a cara desse malandro já, meu cabo!

Os três entreolharam-se, admirados. Tanto empenho e tanta dedicação daquele soldado durante a recruta deviam ter-lhe afectado o pensar. E depois de uns segundos de silêncio, disse o capitão a Tolentino:

–A guerra acabou, bom homem. Tu, bravo soldado, mataste o inimigo.

–Mas como, se nunca eu vi a cara do safado?!

–Pois tu não sabes como o inimigo era esperto? Como ele se escondia atrás de cada colina por onde andaste? Entre os barcos que alvejavas escondido no pinhal? No meio das nuvens para onde descarregavas a tua arma?

Ainda incrédulo, Tolentino teve de se render às evidências. E, sempre bem mandado, lá arrumou o seu saco, pô-lo às costas e regressou a casa, bem no alto de uma serra, não sem antes ter feito um pequeno desvio.

Foi dia de festa quando o avistaram. A mãe deu-lhe um grande abraço, o pai, esse fez-se de forte e para que todos da aldeia ouvissem, perguntou-lhe:

–Então, meu filho, que tal a guerra? Que é do inimigo?

–Saiba meu pai e toda esta gente, para vosso descanso, que a guerra acabou e que o inimigo jaz no campo de batalha. E fui eu, Tolentino Esteves da Silva, que pus fim a tudo. Assim disseram o meu capitão, o meu sargento e o meu cabo.

Todos pasmaram com tamanha bravura e logo quiseram saber pormenores.

Tolentino tirou o saco das costas, meteu a mão com muito cuidado por um pequeno orifício da abertura e mostrou para que vissem bem e nunca mais esquecessem:

–Aqui está um pedaço de erva de uma colina onde o inimigo se escondia. Esta madeira são restos de um barco que afundei.

E abrindo completamente o saco, soltou-se no ar um nevoeiro espesso e húmido que a todos assustou.

–Não temais, sossegou Tolentino, neste pedaço de nuvem jazem em pó os restos mortais do último inimigo deste país.

O nevoeiro dispersou-se no ar e quanto mais subia mais os habitantes da aldeia erguiam as suas cabeças.

O silêncio pesava quando Tolentino Esteves da Silva juntou a erva e o pedaço de madeira e os meteu de novo no saco. Pegando na enxada de seu pai começou a subir o monte e, voltando-se para todos, esclareceu:

–Vou ao pico mais alto da serra enterrar estes despojos da guerra. Nunca vi a cara do inimigo, mas também ele merece paz e descanso. Amanhã, meu pai,... amanhã tratamos da sementeira. Amanhã.

E continuou a subida, curvado, como se no saco que sentia tão pesado, estivessem os restos mortais do feroz inimigo que ele nunca vira e que tanto atormentara o sono merecido da gente daquelas paragens.

O Sol e a Lua

Nunca ninguém diria, quando o Sol e a Lua se conheceram, que seria um caso de amor à primeira vista. Mas a verdade é que assim foi.

Ainda o mundo não era mundo e já os dois trocavam olhares de enlevo, já os dois se iluminavam como candeias acesas na escuridão do universo.



Quando, de uma enorme explosão cósmica, a Terra surgiu, logo o Sol e a Lua decidiram velar por aquele pedaço de matéria, que não era mais do que uma massa disforme e sem vida.

O Sol encarregou-se de tratar dos solos. E não tardou que altas montanhas se erguessem, que árvores frondosas enfeitassem os vales e que planícies infindáveis se fizessem perder no olhar.

Depois nasceram as pedras e sempre soube o Sol colocá-las no local preciso: ora no cimo dos montes escarpados, ora dispersas, salpicando o solo fértil das terras planas, até se tornarem areia fina, escondida sob os leitos silenciosos dos rios.

À Lua coube a tarefa de criar as águas. Águas profundas que dividiram grandes pedaços da Terra e águas mais serenas que desciam das montanhas e se alongavam pelas planícies.

Tudo perfeito. Mas acharam, o Sol e a Lua, que alguma coisa faltava naquele mundo à medida. E como sempre se haviam entendido, a novas tarefas se propuseram.

Assim surgiram animais de toda a espécie: grandes, pequenos, uns mais dóceis, outros mais atrevidos, uns que caminhavam pelo chão, outros que se aventuravam pelos ares e ainda outros que só habitavam o reino das águas.

Agora, sim. Todos viviam em harmonia: o mundo do Sol e o mundo da Lua. E eles continuavam cada vez mais enamorados.

O Sol aquecia a Terra e dava-lhe a vida. A Lua embalava-a e dava-lhe sonhos repousantes e noites lindas, tão claras que até pareciam dia.

Mas – todas as histórias têm um *se não* – certa altura em que Sol e Lua andavam entretidos nas suas tarefas, vislumbaram, bem lá no meio de uma planície, uma espécie de animal que não se lembravam de ter colocado onde quer que fosse.

Não voava, não nadava, nem andava de quatro patas. Pelo contrário, erguia-se como o pescoço de uma girafa e parecia querer ser o rei dos animais.

Decidiram vigiá-lo, não fosse ele perturbar o encanto daquele mundo.

Vigiaram dia e noite, noite e dia, sem interferir. E, ao longo dos séculos, no correr dos milénios, não gostaram do que viram.

–Então que faz ele às árvores que eu ergui? – interrogava-se o Sol.

–E que faz ele das águas que eu pus a correr? – indignava-se a Lua.

De comum acordo combinaram assustá-lo. Mandaram fortes raios de luz sobre a Terra, mas o animal protegeu-se em quantas sombras havia. Mandaram trombas de água infindáveis, mas ele fechou-se no seu covil e de lá não saiu enquanto os rios não voltaram ao normal.

E tudo o que Sol e Lua puderam fazer não foi suficiente para parar aquela espécie, que ainda hoje habita um planeta chamado Terra e de quem diz ser seu legítimo dono.

Vocês já ouviram falar dele?

Pois nunca esse *bichinho* reparou no trabalho do Sol, nem no labor da Lua. Nem em quanto eles são apaixonados um pelo outro. Nem em quanto eles querem bem a esse planeta perdido na imensidão do Universo.

E é por tudo isto que vos contei, acreditem, que a Lua tem aquele ar sempre tão triste, quando, nas noites em que está cheia, ela nos olha sempre como num queixume.

E é também por causa disso que o Sol por vezes se esconde atrás de nuvens sombrias: vai buscar conforto à Lua e lembrar-lhe, sim, que nunca é de mais lembrar, o quanto ele é apaixonado por ela.

Doutora Saladina, Bruxa para todos os Males

*Para a Margarida e para a Pilar,
sem outro sentir que não o do bem-me-quer.*

Toda a gente sabe, ou se não sabe devia saber, que os reinos das bruxas e das fadas existem bem perto de nós. Só quem tem coração de pedra é que os não vê.

Ora num desses reinos havia uma bruxinha que, desde muito pequena, se habituara a brincar ao esconde-esconde com uma pequena fada do reino vizinho.

Isto acontecia porque, claro está, nenhuma das famílias tinha conhecimento de tal facto insólito.

Encontravam-se as duas nos limites dos respectivos reinos, escondidas entre os carvalhos e os abetos que serviam de fronteira. Era um regalo vê-las juntas, como se este mundo fosse um só: a fada sempre vestida de cor-de-rosa, asas de tule a esvoaçar ao vento e uma varinha de condão que era a prova incontestável de que ela era realmente uma fada.



A bruxinha, essa vestia sempre de negro, uma túnica que quase lhe chegava aos pés e um chapéu de alto bico que, dada a sua tenra idade, lhe tombava para o lado, sem, porém, nunca lhe ter caído.

Cavalgava, não uma vassoura de piaçaba, mas um modelo mais recente, semi-a-jacto, que seus pais lhe haviam dado pelo seu último aniversário.

Saladina, a bruxa, e Gilda, a fada, voavam por entre as árvores sem lhes tocar, faziam piruetas de sobe-e-desce, e passavam tangentes às corujas e às andorinhas sem nunca, mas nunca, terem tido o menor acidente.

Quando, porém, chegou o dia de frequentarem as respectivas escolas, cada uma seguiu o seu caminho e o tempo para as brincadeiras acabou-se para tristeza de ambas. E nunca mais Saladina viu Gilda. E nunca mais Gilda viu Saladina.

Os anos foram passando, no calendário das bruxas e das fadas, que por acaso é o mesmo, até que um dia Saladina completou o décimo segundo ano e teve de escolher uma profissão: queria ser doutora, mas doutora-médica.

Os pais pasmaram com tamanha pretensão.

–Que bruxa és tu, minha filha! – dizia o pai.

–Querer ser médica? – interrogava-se a mãe.

–Mas, afinal, tu és uma bruxa ou uma fada? – questionavam ambos.

Saladina estremeceu. Será que alguém tinha descoberto o seu segredo de há tantos anos? Que seria feito de Gilda? Não, não era possível. Além de tudo isso ela tinha a certeza que era uma bruxa de pele e osso e ninguém conseguiria demovê-la de seus intentos.

E assim foi. Entre o choro da mãe e o olhar reprovador do pai, lá seguiu para a Grande Escola de Medicina que ficava no reino dos humanos, pois no país das bruxas só havia a Escola Superior de Feitiços e de Magia.

Para trás ficou a túnica negra, o chapéu alto e a vassoura semi-a-jacto. Ficou também a mágoa não só da família, mas de toda a comunidade, que estas notícias espalham-se depressa e ferem a honra. Sim, que as bruxas também têm honra!

Depressa acabou Saladina o seu curso. Aluna brilhante, nunca reprovou nenhum ano e quando se viu com o diploma na mão, não cabia em si de felicidade. Só havia um problema: que fazer agora? Como iriam seus pais recebê-la?

Quando bateu de mansinho à porta de sua casa, o nº 13 da Rua da Assombração, o seu coração de bruxa, pela primeira vez, fraquejou. E, apesar de a terem deixado entrar, logo sentiu que a sua atitude não fora perdoada.

– És a vergonha das bruxas! – disse-lhe o pai. – Mas és feitiço do meu feitiço. Podes ficar nesta casa, embora sejas pouco digna das teias de aranha que te cobrem a cama.

Foi neste ambiente que Saladina se aventurou a abrir o seu consultório. Tudo a rigor, como aprendera com os humanos. À entrada, um letreiro que dizia:

DR^a SALADINA

Médica Para Todos Os Males

Pouca sorte tinha esta nossa amiguinha. Ninguém lhe batia à porta, nem ninguém lhe marcava uma consulta que fosse. Nem uma assistente conseguira arranjar.

Resolveu, então, na esperança de aparecer alguma emergência, mudar-se de vez para o seu consultório. Ali dormia, ali comia e ali ia espreitando pelas cortinas esfarrapadas da janela, na ânsia de que alguém necessitasse da sua prestimosa sabedoria.

Ora, uma bela noite de lua nova, estando Saladina a contemplar as constelações, apercebeu-se de grande alvoroço no céu. Luzes para aqui, luzes para acolá e um pó dourado que se espalhava por todo o lado. De repente começa a ouvir gritinhos de todas as bruxas e bruxos que deambulavam pela rua e que tombavam no chão como cerejas maduras.

Saladina não pensou duas vezes: toca a recolher os doentes no seu consultório. Os que ainda se conseguiam manter de pé, entravam a correr, tamanha era a sua aflição. Queriam lá saber se ela era a Dr^a Saladina! Só queriam cura para doença tão súbita e estranha.

Saladina teve necessidade de se concentrar. Sim, porque havia já algum tempo que não praticava. Curou as feridas que viu, ligou os entorses como muito bem aprendera e esperou que os doentes

acordassem. Nada. Não acontecia nada. Então Saladina, sem perceber como, ergueu os braços e começou a praguejar:

*Afasta-te pó de fada,
Renego teu perfume já.
Xô, xô, penugem de tule,
Abracadabra, já está!*

Como por magia, todos acordaram. Quando se aperceberam de quem os tinha salvo, nem queriam acreditar. Muito a medo, lá foram agradecendo à doutora-médica. E envergonhados, saíam fazendo vénias, sem ousar voltar as costas!

Nos jornais do dia seguinte, a nossa amiga era figura de destaque. Que tinha sido corajosa enfrentando aquela epidemia misteriosa. Que até os bruxos mágicos haviam recorrido aos seus serviços.

E nos televisores a notícia repetia-se constantemente, em emissões de última hora.

Quem não entendia muito bem este fenómeno era a própria Saladina, que ainda hoje está para saber como lhe foram sair tais palavras da boca.

O que ela também não sabe é que, naquele dia, os Serviços Secretos do Reino das Bruxas tinham registado uma invasão do seu espaço aéreo por um pelotão de fadas, comandado por Gilda, mais conhecida no meio da espionagem por Agente Secreto Zero-Zero-Pó-Dourado.

Claro está que este facto não veio nos jornais e permaneceu

fechado a setenta chaves no cofre dos segredos da bruxa reinante.

Quando passarem por aquela rua além, aquela logo ali acima, se estiverem atentos, poderão ver a fila de clientes que Saladina tem à porta do consultório.

E talvez, com um pouco de sorte, consigam vislumbrar um vulto cor-de-rosa que esvoaça levemente sobre o edifício para não ser detectado pelos radares do reino.

Quem poderá ser?

Pois se virem tudo isto, não se assustem. É que, bem perto de nós, há o Reino das Bruxas e o Reino das Fadas. E só não os vê quem não quer, ou quem tem coração de pedra.

A Bailarina de Degas

*Para a Sara e para a Ana,
minhas bailarinas de Degas.*

A casa era grande e tinha um jardim. Para lá do jardim ficava o bosque de árvores imensas que se estendiam até não poderem ser mais vistas, por entre caminhos traçados sob as folhas do Outono.

Telma adorava passear-se pelo bosque. Corria pelos caminhos, inventava outros atalhos e tentava passos de dança, braços ondulando ao sabor de melodias imaginadas.

Ser bailarina era um sonho só seu. Desde que descobrira, na biblioteca, um livro com reproduções de quadros célebres, e, nas suas páginas, umas pinturas de bailarinas, a ideia que até então lhe passara vagamente em seus pensamentos tornou-se numa vontade constante, doentia.

Por isso se dividia Telma entre os passeios pelo bosque e as visitas à biblioteca.

As grandes prateleiras repletas de livros tinham-na assustado, no início.

Alguns deles eram antigos e cheiravam a pó. Outros eram mais novos e as suas capas despertavam a curiosidade da menina, que, por não saber ainda ler bem, se entretinha a olhar as figuras e a tentar descobrir o que estava lá dentro.

Foi numa tarde chuvosa de Novembro que Telma descobriu o livro das bailarinas. Na grande capa colorida, um nome que ela soletrou:

D-e-g-a-s.

Telma soube, anos mais tarde, que tinha sido um grande pintor francês, do séc. XIX e que o seu nome se pronunciava como se a letra *e* tivesse um acento circunflexo. Na altura, não queria a menina saber daquele nome, que nada lhe dizia. Só queria ver as figuras e mais figuras e a todas despia com os olhos ávidos de cor, de movimento e de sinfonias cada vez mais triunfais.

Esperava a hora da sesta. Fingia que dormia. E em passos de algodão escondia-se na biblioteca, entre a porta envidraçada que dava para o bosque e o grande reposteiro de veludo carmesim.



De todos os quadros, o que mais a fascinava era um que tinha o

título de *Bailarina com ramo de flores*.

Telma entrava então naquele cenário e juntava-se ao corpo de baile. Vestia o fato em tons de amarelo esbatido, saia de tule querendo voar, sapatinhos de ponta cor de rosa e um ramo de flores na mão, o aroma do campo no ar quieto daquela sala.

E Telma bailava, bailava, esvoaçava pelo meio das outras bailarinas, tentando imitar os passos que elas davam, erguendo-se na ponta dos pés até mais não poder, até a dor ser mais forte que a vontade.

No fim do espectáculo, agradecia ao público que só ela via e que só a ela aplaudia.

Depois, quando se apanhava de novo no bosque, erguia-se quanto podia nas pontas dos seus sapatos de cetim e largava o sonho que escondia no peito. E imaginava-se pintura em movimento num quadro de Degas.

Ainda hoje ninguém entende, naquela casa, por que razão fugia Telma tanto para o bosque.

Também ninguém nunca entendeu o que fazia, no quarto de Telma, um grande ramo de flores campestres, eternamente frescas, pousado sobre a sua mesa de cabeceira.

Nem um par de sapatos de bailarina que pendia, em laços de cetim esbatidos pelo tempo, da cabeceira de sua cama.

Hélix, o Caracol

Quando se nasce caracol nunca se pode prever o destino.

Uns passeiam-se languidamente pelos campos de verde-primavera, outros pelos jardins-do-alheio e outros são caracóis-de-cidade, o que faz com que sobrevivam mais a custo já se vê.

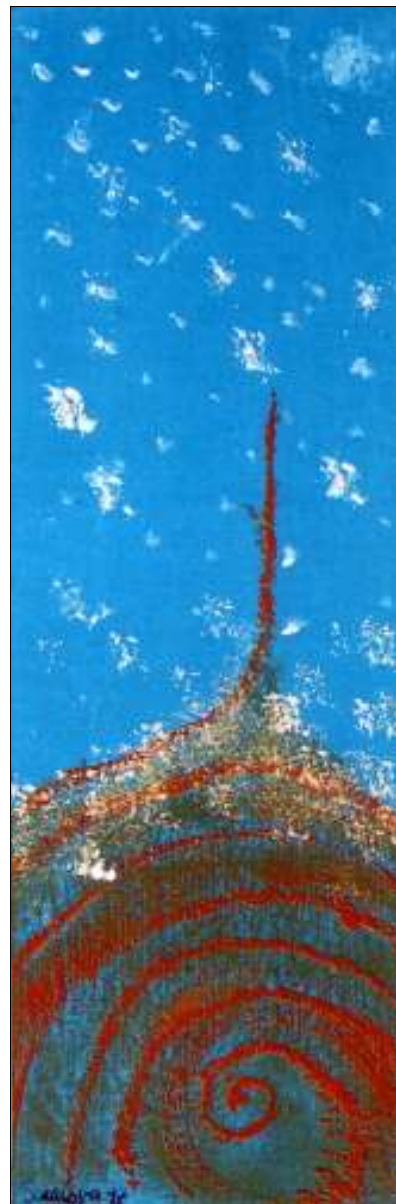
Hélix era um caracol-de-província. Terra pequena, mas farta de jardins e de quintais que até dava gosto morder.

E foi bem no meio de um canteiro cercado de buxo que o nosso amigo nasceu. Ninguém sabe bem como, mas a verdade é que, um belo dia de sol, lá estava Hélix, pela primeira vez na sua vida, entre dois pequenos pés de jarros, a deitar os corninhos à brisa da manhã.

Espera-me uma bela vida, pensou Hélix, não deve haver nada como esta luz quente para me aquecer a casa.

Mas quando umas nuvens escuras foram entrando pela manhã e o ar ameaçou uns pinguitos de chuva, corninhos para dentro, que ele não era flor e não precisava de rega.

Dormiu todo esse dia. Pudera, não é a



toda a hora que se nasce. Já muito fizera ele aventurando-se a espreitar o mundo.

E a vida de Hélix foi prosseguindo à volta disto: ora espreitava o sol, ora fugia da chuva. A sua única distracção era a figura humana mais pequena lá de casa, duas tranças a escorrer pelos ombros, saia plissada, sapato de verniz acabado de estrear, que volta e meia parava à sua frente, aninhava-se à espera não se sabia de quê, e cantava uma lenga-lenga que, aos ouvidos de um caracol, soava assim:

*Tu itica, tu incói,
Tem cóninhos como um bóí,
Lagarato num é tu,
Fomiguinha tamém não.
Que bichinho será tu?
Eu sou um cacarói!*

Verdade, verdadinha, Hélix não achava piada nenhuma àquilo. Mas desde que aquela criatura minúscula não o incomodasse nem o calcasse, tudo bem, que cantasse o que lhe desse na real gana.

E como os caracóis não sabem o que são dias, nem meses, nem anos, o nosso amigo lá foi contando muitos sóis e muitas chuvas, que só ouvia de dentro da sua casota, muito encolhidinho.

Não era mundano nem se dava a conversas. Queria lá saber se as rosas tinham florido, se as ameixoeiras estavam carregadinhas de frutos vermelhos. Se os jarros onde morava tinham tido um destino fatal quando foram precisos para enfeitar uma sala lá de casa. Queria lá ele saber o nome dos pássaros que debicavam à sua volta e por todo o

jardim, enchendo o ar com melodias que os ouvidos de Hélix não conseguiam decodificar. Queria lá ele saber.

Ele nascera só, pois só viveria. E aquele canteiro chegava e sobejava. Conhecer mais mundo, para quê?

Mas o destino tem destas coisas. Numa bela tarde de Dezembro, quando Hélix se preparava para ver que tal estava o tempo do lado de fora da sua mansão, viu cair do céu umas pérolas muito pequenas, da cor mais pura que ele alguma vez vira.

Eram leves como o esvoaçar das borboletas. Gelavam-lhe as antenas e permaneciam no chão, como que a querer chamá-lo.

Admirou-se. Nunca na sua longa vida tal fenómeno vira. E extasiou-se de tal maneira, que se esqueceu de recolher os corninhos e de se fechar a sete chaves em sua guarita.

Como a vida é bela, pensava Hélix.

E os pensamentos iam fluindo cada vez com mais lentidão.

Que felizardo que eu sou. Pois estão a ver que o céu veio visitar-me? Que as nuvens desceram das alturas só para me cumprimentar?

E sem dar por isso, enquanto olhava os cristais de água, com aqueles olhos que só os caracóis possuem, Hélix adormeceu, penetrou no sono mais doce que uma vida de nuvens pode dar... E nunca mais acordou.

Índice

Ficha técnica	2
Sobre as autoras	3
A Abóbora Menina	5
O Soldadinho de Saco às Costas	9
O Sol e a Lua	13
Doutora Saladina, Bruxa para todos os Males	16
A Bailarina de Degas	22
Hélix, o Caracol	25
Índice	28

Sabia

que na nossa página da Internet

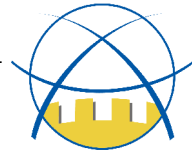
pode **contactar**

com os autores das

nossas obras

?

www.arcosonline.com



O Livro Verde das Verdades

Autor: Cezar Sturba

Género: Poesia

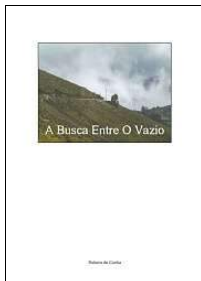


Obra incomum e inventiva que não se enquadra nos cânones tradicionais da poesia de expressão portuguesa, “O Livro Verde das Verdades” é todo ele uma provocação, do início ao fim. O leitor não poderá ficar indiferente, e certamente algo em si terá mudado quando voltar a última página deste livro!

A Busca Entre O Vazio

Autor: Rubens da Cunha

Género: Narrativa

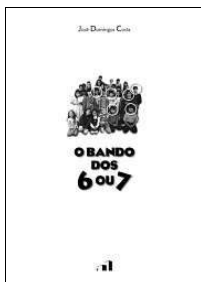


“A Busca Entre O Vazio” é uma incursão despreconceituada a alguns dos lugares mais íntimos da consciência humana. Cada uma das narrativas que compõem esta obra apresenta uma personagem em confronto com uma crise existencial. A morte, o amor, o sexo, o medo, são alguns dos temas universais que aqui recebem um tratamento actual pela mão de um escritor dos nossos dias. São textos curtos mas intensos: quase podemos sentir neles cada palavra a transpirar suor, a murmurar um gemido ou a abafar um suspiro clandestino. Sem dúvida, uma obra para leitores maduros e exigentes, que não se contentam com qualquer livro que se esgote numa primeira leitura.

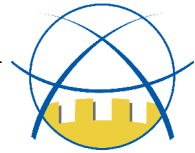
O Bando dos 6 ou 7

Autor: José Domingos Costa

Género: Narrativa / humor



O “bando dos 6 ou 7” é um grupo de crianças e adolescentes que se dedicam, em finais dos anos 50 e numa pequena vila onde se mantém ainda a pacatez de um ambiente rural, aos projectos mais mirabolantes que alguém poderia imaginar. A implementação de portagens numa ponte, sessões de cinema em máquinas improvisadas e um rato equilibrista são alguns exemplos da imparável imaginação dos membros do “bando”, que não raro deixavam a população em alvoroço e que resultam num conjunto de episódios simplesmente hilariantes.



Literatura

ode a um poeta naturalista (narrativa)
A Busca Entre o Vazio (narrativa)
O Livro Verde das Verdades (poesia)
é preciso calar o monólogo (poesia)
Antes do Fim (narrativa)
Histórias Que Acabam Aqui (contos para a infância)

Actualidade e cultura

A Língua Portuguesa no Alto Minho (ensaio)
European Writings on Psychology (textos científicos)

Humor

O Bando dos 6 ou 7 (crónicas)

Em preparação:

O Malogrado Capitão Osório (narrativa/humor)
As Sete Fontes (romance)